

TERESA AMARO:
QUANDO A POESIA É REDESCOBERTA

A poesia, essa necessária solidão, como a quis Maurice Blanchot, exige um ser que se dispõe a estar no poema. O homem, animal de linguagem, existe enquanto ser de nomeação. Ele está na linguagem porque é linguagem. Que outra coisa somos senão palavras que originam acções, ou que devem acções ou espelham acções? A poesia, como o seu étimo indica, é um fazer, é uma acção verbal por excelência e que, como tal, está e é no ser linguagem, o poeta. Sabemos todos que desde Hugo Hoffmannsthal essa é a questão basilar que à poesia se coloca: desde a sua *Carta de Lorde Chandós* que se torna inescapável o nó poético, impossível de desatar: as palavras não chegam para dizerem o real. Mas só com as palavras somos e estamos no real.

Essa é a questão essencial que este livro de estreia de Teresa Amaro nos coloca. Nesta recolha de textos o que primeiramente lemos é o poema procurando nomear, fazer realmente existir o mundo que circunda um eu em constante peregrinação por lugares que são não só exteriores – cidades, praias, países – mas também lugares de uma interioridade verdadeiramente poética porque profundamente centrada num fazer da

poesia é antes de mais nada, um recriar, ou um renovar o visto e o vivido. Poesia, portanto, feita de uma dimensão muito pessoal porque nascida da relação com o Outro que há dentro desse sujeito que escreve e existe, ainda mais rico e compreensivo, na relação com os outros. A poesia que vamos ler é linguagem que nasce de uma forma de estar perante o real: viajando de facto e perdendo países. O título é, por isso, de um feliz significado: “estar” como quem diz “ser”, e escrever como quem diz “contemplar” – à letra, “construção do tempo”.

Para chegarmos à lógica mais íntima (talvez) deste volume há uma pergunta que pode ser já uma afirmação: escrever poesia num tempo tão adverso como o nosso a toda a experiência íntima, discreta e questionante, não é isso já uma forma de estar? Saliento, sublinho, vendo bem a parte final da pergunta: *uma forma de estar*. É que, como se diz e ouve muitas vezes, não é imperioso publicar-se para se ser poeta (ele há tanto “poeta” que, na verdade, não devia publicar, mas antes procurar viver!) e, no caso de Teresa Amaro, estes textos que agora reúne sob esse magnífico título – *Estar* – mostram bem a fonte de onde as imagens e os ritmos, as metáforas e os metros vêm: eles vêm de não ter cedido à tentação fácil de pôr em livro o que lhe merecia ser, primeiro que tudo, posto em prática: a vida. Esse o binómio a ter em conta quando entramos no livro de Teresa Amaro: *Estar* é um livro que recolhe na linguagem um modo de estar na vida. Uma vida que, por se tecer das experiências mais ricas (as

da intimidade do ser consigo próprio), origina textos de respiração longa, meditações profundas sobre ser e estar, escrever e ser, sem que entre essas dicotomias possamos vislumbrar qualquer dissociação.

Este livro é também por isso a afirmação de algo curioso, ou, mais que curioso, imperioso, inevitável, urgente: “estar na vida” é estar também na poesia. Uma consequência resulta daqui: os poemas de Teresa Amaro, que facilmente podemos fazer enquadrar numa linhagem de poemas que testemunham uma situação vivida, nem por isso deixam de ser um outro modo de estar na teoria e não só na prática de uma vida que peregrina, que se vive em deambulação contínua.

Figura-se aqui um sujeito contemplativo, atento à realidade do real. Os poemas falam, ou sugerem, no entanto, outra coisa: para além de se viver, teoriza-se sobre o vivido e isso implica já um profundo teor reflexivo sobre o que significa escrever sobre o que se viveu e de que modo alguém se auto-ficcionaliza e, por aí, sabe como evitar o tom exasperado, ou meramente confessional, coisa que empobreceria a experiência que mais importa a Teresa Amaro: a experiência de fixar uma biografia através da grafia, isto é, daquilo que mais importa: a escrita, a arte de cristalizar imagens.

Nessa medida estes 44 poemas são viagens por dentro das viagens concretas que se fizeram a lugares, a momentos vitais. A solaridade de Teresa Amaro (que muito deve a Sophia ou a Ramos Rosa, a certo Eugénio e a algum Rimbaud – o das intermináveis

viagens desde as Ardenas a Paris, de Paris a Aden, de Aden a Marselha, em contínuo progresso, rota e derrota) nasce mesmo de um gesto teórico-prático: pôr na página, como revelação de uma fotografia, o exacto instante em que se esteve.

A recordação é o móbil da poesia. Teresa sabe-o: Mnemósina é a deusa tutelar do lirismo e o poema transforma-se em pele onde se grava uma existência. O sujeito da escrita pára para escrever depois de ter vivido. Teoriza sobre a experiência e está, *a posteriori*, nas palavras que fixa nesse papel-pele que será poema. Por isso a meditação sobre o acto da escrita é uma re-flexão: o corpo, ou parte do corpo – o rosto – cai por sobre a página em branco e dedica-se a fixar o acontecimento-poema, espelho infiel, porque ficção, do que foi um dia um acontecimento real. Mas, já se sabe, não interessa à poesia se o que aconteceu aconteceu de facto. O que move a re-flexão é outra coisa: o que, como linguagem, irrompe em imagens fortes como poema:

*Há em certas horas um silêncio que nos emudece.
Não pelo que ecoa, mas pela claridade que faz
brilhar a respiração entre um pensamento e
outro.
De algum modo, inunda a superfície do mundo.
Baixamos o rosto.*

O que vemos aqui é a definição de um trajecto, ou de um projecto (de escrita). Há um posicionamento

perante o tempo: “em certas horas” há “um silêncio”. A mudez, esse grande horizonte para que olha toda a poesia moderna em face de um mundo ruidoso (e ruinoso), o emudecimento, isso dever-se-á destacar neste poema de abertura do livro. Perante certos momentos, certas horas, só o silêncio vale. Mas há aqui a construção de um paradoxo: o emudecimento resulta não do eco (o silêncio ecoa?), mas da “claridade que faz brilhar / a respiração entre um pensamento e outro”. Roberto Juarroz poderia ter escrito este poema. É a mesma posição perante as dobras do real o que Teresa Amaro vai fazendo à medida que os textos se sucedem: a mesma temperança da contemplação de um acto – a escrita é contígua ao estar do poeta. Trata-se de uma escrita cauta, ponderada, sem exclamações, sem exasperações. E escrita atenta ao brilho da respiração (aos ritmos) “entre um pensamento e outro”. É nesse “estar-entre” que a poética da autora se vai construindo.

Os poemas são, assim, lugares onde o sujeito dos textos está. Mas eles, como lugares, sugerem que na cena redigida o ‘eu’ não só está ou esteve entre pensamentos, como os poemas são, como modo de um escrever, uma maneira de estar entre aquele tempo vivido e o agora, o tempo da escrita. Que se respire entre um pensamento e outro, isso é o que origina o poema: o insuflar o ar do tempo, ou o tempo de uma geografia.

Por isso, nesse mesmo poema de abertura, logo a definição do que seja escrever-se, ou do que seja a “escrita”, agora nome e não só acção: “Toda a escrita

depende de quem lê. /Assim, retomamos a palavra / Esse outro eco”. Se vejo bem, o que Teresa Amaro nos convida a ver é o modo como toda a poesia solicita o terceiro vértice de um triângulo de ouro: autor-obra-leitor, só assim se completa o ciclo da respiração que começa naquele que escreve e acaba naquele que lê. Claro que o labor verbal, a respiração da obra, continua para além disso, posto que o leitor carregará consigo o eco dos poemas, será também ele um novo fazedor dos textos lidos, já que toda a leitura é uma recriação. Este “estar-entre” o vivido e o escrito, entre a experiência e a prática; esta consciência de que quem lê é um elo (e um eco) do livro, isso é dito de forma muito sagaz não só nesse excelente poema inicial. Neste texto que é uma teoria da recepção. Outros momentos há que podem levar-nos, como leitores de poesia, a redescobrir com Teresa Amaro a beleza não corrompida própria das primeiras leituras que um dia fizemos. Digo isto porque há nos poemas da autora um brilho, de facto, que só é possível a quem, como Teresa, não se deixou corromper pela ganga literária (a literatice que se vê em tanto lado) que esmaga qualquer hipótese de verdade na poesia.

Num dos poemas mais puros (não direi que a estes textos a noção de ‘poesia pura’, como a definiu Henri Bremond, é a correcta, ainda que haja momentos em que, isoladamente, certos versos são ‘poesia pura’), a cena que se fixa no papel-pele é evocativa, mas o passado de que se fala brilha ainda. Os verbos no pretérito (e quase todos os poemas têm verbos a apontar

para um passado, ora mais recente, ora acabado em definitivo), são acompanhados de imagens activas, isto é, há nelas a intervenção de personagens (o eu-tu dos textos, com um narrador implicado, que conta), presentificando, por paradoxo (todo o passado é irrecuperável), aquilo que se viveu.

O poema, de cada vez que quem o escreve mergulha naquela “solidão essencial” de Blanchot, devém outra coisa: não só a mera acção de “estar aí”, nessa imagem fixa, mas também um “estar-aqui”, no agora da acção de se escrever, porquanto a recordação, como uma rede que fosse fundo resgatar o passado, expusesse, no brilho das imagens e na caudalosa frase construída, a verdade, ou a lição do vivido feito escrito:

*Tomámos os degraus que escaldavam no branco
como um destino comum.*

Tu os desceste. Eu os subi.

A meio, despedimo-nos.

*E tudo ficou branco para todo o sempre, como tinha
[que ser.*

Ainda hoje, me arde aquela cal.

A estranheza que faço por entranhar.

De que não sei o tamanho.

*Apenas que é vasta como o mar e se reinventa como
[um figo que se abre,
e ficamos a olhar o que tinha lá dentro, secretamente,
[toda aquela maravilha.*

*Não vamos discutir se se trata de um prefácio
[ou de um epílogo.*

Todos os livros que li me cansam.

*Quero mesmo é este abandono num colo muito antigo,
de que me recordo do toque da pele e da forma do braço.*

*Coisas simples: não querer saber do destino do barco,
nem de naufrágios nas mãos, comparar os sorrisos,
e deixar que o branco invada o azul para o fazer
[mais claro.*

*De qualquer maneira, não resisto a uma concha.
Como um poema que ainda não escrevi.*

*Por detrás da onda, talvez houvesse uma cidade
[construída pelos peixes.*

Fiquei ali, a vê-la deixar de ser.

*São recordações como essas, as que ficam entre o que
[desaparece e os dias lentíssimos.*

*Por mais que fale do azul, nunca conseguirei azular.
não querer saber do destino do barco,
nem de naufrágios nas mãos, comparar os sorrisos,
e deixar que o branco invada o azul para o fazer
[mais claro.*

*De qualquer maneira, não resisto a uma concha.
Como um poema que ainda não escrevi.*

*E, se a buganvília com quem partilho o mar,
arpoasse ao meu peito como um barco?*

*Ficaria com o corpo cruzado de pétalas ou os
orgãos, todos eles, enredados de onda?*

É, sem dúvida, um belíssimo poema, este. É difícil hierarquizar a poesia. Não há, decerto, má poesia. Ou há poesia ou não há. Como um dia disse Ruy Belo (e o poeta de *Transporte no Tempo* também ressoa nos poemas de Teresa Amaro, já pela auscultação dum inefável, já pela contemplação de uma natureza que existe enigmática, mas dialogante), ninguém pode fazer maus versos impunemente sem, por isso mesmo, perder o estatuto de poeta. Ser-se poeta é coisa que mais se intui quando conhecemos alguém que o é, do que se prova com documentação, registo de obras publicadas, prémios atribuídos. Que se releia o poema que acima transcrevi. Que se leia lentamente. Há versos magistrais, imagens que se escoram numa sábia fluidez frásica. Alguns exemplos: “Tomámos os degraus que escaldavam no branco / como um destino comum” (a catacrese que intensifica a notação sensível: é verão na cena projectada, os degraus “escaldavam no branco”); “A estranheza que faço por entrar. / De que não sei o tamanho. / Apenas que é vasta como o mar e se reinventa como um figo que se abre” (a pessoana noção de que toda a estranheza acaba por nos ser familiar, mas do que isso, a analogia: a estranheza “vasta como o mar”, uma comparação longa que termina com uma associação inusitada: estranheza vasta/mar que se reinventa/figo que se abre). Mais ainda: “não querer saber do destino do barco, / nem de naufrágios nas mãos, comparar os sorrisos, / e deixar que o branco invada o azul para o fazer mais claro. / De qualquer maneira, não resisto a uma concha. / Como

um poema que ainda não escrevi.”, isto é, a recordação por dentro da recordação: o desencontro a exigir uma reacção: querer coisas simples. O sujeito que nestes poemas evolui quase sempre traz consigo aquela “aprendizagem de desaprender” que Caeiro nos deu como lema de vida.

Mas no poema, com palavras muito suas (o léxico seleccionado é algo a ter em conta neste livro, pois a partir dele estatui-se um clima, uma atmosfera, desenvolvem-se tópicos, motivos, temas) Teresa Amaro acrescenta, pela metáfora, outras lições a essa: não lhe importa, depois do vivido, naufrágios nas mãos ou comparar sorrisos. A experiência – amorosa ou outra – não é coisa que possamos medir. Cada um tem a sua experiência do mundo e dos outros e de si. Isso, que nos parece quase um truísmo, não é absolutamente claro nos dias que correm. Hoje tudo se compara. Tudo se quer medir. Ao pensamento estatístico Teresa Amaro opõe, na senda de grandes poetas da sua pessoal escala de valores, o pensamento poético, o pensamento da arte. Por isso há uma sageza nesta poesia e uma inocência, uma exemplaridade que lembra, de facto, Sophia de Mello Breyner. Versos o dizem de forma esplendorosa:

*não querer saber do destino do barco,
nem de naufrágios nas mãos, comparar os sorrisos,
e deixar que o branco invada o azul para o fazer
[mais claro.
De qualquer maneira, não resisto a uma concha.
Como um poema que ainda não escrevi.*

Há, se virmos bem, por detrás do eco de Sophia, ou de imagens que reenviam a poetas solares como Eugénio ou mesmo um certo Ruy Belo para quem o Verão era a “única estação”, um modo frequente de trabalhar o poema de modo a nele cristalizar uma vivência que dilui essa solaridade e faz encaminhar o pensamento – ou o que está entre pensamentos – para uma região crepuscular. A solaridade de Teresa Amaro é, como a de Eugénio e a da última Sophia (muitas vezes me lembrei, ao ler Teresa, do poema ‘Ondas’, da autora de *Dia do Mar*), uma solaridade temperada de certa nostalgia, As reticências desmentem a declaração de que o Verão se demora. Demora-se, é certo, mas... O poema faz-se viagem a terrenos antigos, muitas vezes sem referentes concretos (onde foi que tudo se viveu? Com quem?), porque tudo se torna evanescente, mas não abstração. Veja-se outro belo poema que, espero, dá conta do que acabo de escrever:

*Sabemos que o verão se demora...
e, rente ao bolso, trago o último perfume de lilás
e o roxo dos jacarandás com que respiro a cidade
[que deixei.
Sabes que nas mãos, por vezes, nascem focos de luz,
tão intensos, que fechamos os olhos para não cegar?
Quando a boca é mais boca, o sopro torna-se
[um rasto de lava
e tudo se repõe na ordem do mundo.
Esqueçamos o que o vento desarrumou.
Penso hoje nos finais de tarde, em que o deslumbamento*

*se guardava rente ao bolso, como um destino traçado
[até à bainha.*

*Um código como pérola. A concha como chave.
Abri-lo-ás pela chama inflamada de segredos.*

Nestes versos não só temos a constatação do tempo passando, apesar da ilusão da sua cristalização na “demora” própria dos tempos, como encontramos, através do pretérito perfeito do verbo “deixar”, a fractura que se inscreve a cada poema escrito de Teresa Amaro: a memória do Verão que ainda se demora fica registada nos objectos que se trazem, nas cores que se gravaram (“o roxo dos jacarandás”), no brilho intenso de certas pequeníssimas provas do que aconteceu (maravilhosos os versos “Sabes que nas mãos, por vezes, nascem focos de luz,/ tão intensos, que fechamos os olhos para não cegar?”) e se mantém eterno. Há, a percorrer muitos destes textos de *Estar* um subtilíssimo erotismo que é a consequência natural de quem, entregue a experiências vitais, sabe que a poesia é, como disse Octavio Paz, “uma erótica verbal”. Erotismo sensorial: a boca que é mais boca, o sopro que se transforma em “rasto de lava”. É aí também que esta poesia está: nos interstícios de um erotismo vívido, mas discreto, carnal porque espiritual. Melhor: um erotismo que é perpassado de saudade, de travessias do Inverno (também Teresa Amaro pode dizer, com Ruy Belo, “Atravessamos o Inverno, longo túnel”) e que, por haver consciência do tempo, não pode nunca ser a exaltação dos corpos,

ou a exposição de aventuras do Verão. Na poesia de *Estar* a aventura é uma experiência do humano, não uma avulsa soma de viagens feitas. Todas as viagens são, em bom rigor, uma só viagem, a da própria singularidade de alguém que sabe que a consciência do tempo implica a aceitação abnegada da perda, assim como implica o deslumbramento das coisas simples: amar, ver o mar, ver o movimento cíclico das estações. Ver, eis o verbo essencial de Teresa: e ver, claro, essa ausência-presente e presença-ausente, a Saudade, esse pássaro, esse lugar perdido, movimento da erva, partilha do mesmo pássaro, se tal pássaro fosse visível, ou fosse possível de ser visto. Não por acaso a Saudade é um dos eixos deste livro: em Teresa Amaro creio que a palavra “poesia” é uma outra forma de dizer a portuguesa palavra “saudade”. Não estamos longe, ainda que com uma verbalização muito distinta, daquela ideia de Pascoaes: a Saudade como uma espécie de religião nossa. Religião como quem diz procura de religação do Eu com o Real, ciente de que há uma metafísica qualquer na física que a olho nu se vê. Lugar perdido, pássaro invisível, vazio que se quer partilhar, ou silêncio que se quer nu, o erotismo da saudade é bem o erotismo da poesia (“Como o beijo quer a boca/ e os poemas os pequenos vocábulos”). Ou, se aceitarmos a injunção deste livro imerso na experiência de um nome a fixar – o de Teresa Amaro – a poesia como afirmação de que viver é estar dentro da vida da poesia:

*A saudade não é um voo num espaço aberto.
É o lugar perdido, a substituição da magia,
o pássaro que se já não vê!
Ainda o leve movimento da erva que as suas asas
[fizeram em rasto.
A saudade é querer o mesmo pássaro, de regresso.
Como se o pudéssemos olhar, reconhecê-lo, acreditar
[que é o mesmo que a nós volta.
Apenas e só, porque somos o poiso, onde descansará.*

*Nunca conseguirei partilhar o vazio,
como um cais, onde um bando de asas levou as
promessas. O silêncio que resta é um silêncio vestido
de silêncio. O silêncio quer-se nu, na verdade.
Como o beijo quer a boca
e os poemas os pequenos vocábulos.
Todo o cais é de chegada
Tudo num cais é de partida.*

Por isso a figuração do poeta em Teresa Amaro participa dessa linhagem de figuras da escrita que, longe de posições tutelares ou magistras dos detentores da verdade, ou das verdades da poesia, dá conta de uma fragilidade, ou de uma suspeição. Ícaro é o símbolo dos perigos que a própria poesia pode encerrar. Entrega-se, como Ícaro, à ilusão do que pode a poesia? Ou haverá noção de que a poesia nada pode contra o mundo literal da mais objecta literalidade?

O que vemos é, talvez, a corajosa definição do tempo e do lugar a que se chegou. Um lugar, um estar

que é já uma constatação: a poesia, a vida, as viagens, a saudade, o erótico, tudo pode devir

Um punhal de sílex, uma faca branda e mortal.

Uma lava que, escorrente, me gela.

Um silêncio, por dentro das palavras que dizia.

Um eco, um grito [...]

Talvez por isso, em *Estar* o leitor venha a encontrar momentos onde o poeta é alguém que tem de se lembrar de Ícaro. Mas um Ícaro que, mortal, é outro Ícaro. O poeta em Teresa Amaro não é o emblema da ambição desmedida. O seu voo é em direcção a uma espécie de realismo final: tudo é como deve ser. Há um verso que ilustra bem essa sagesa última que lemos em *Estar*:

Com o conhecimento intrínseco da única rota, que a
[migração aponta.

Assim, dir-se-ia, em aprendizagem de ninho ou de raiz.
Descalçar a vida, e entrar no mar.

Nesse mesmo poema, e em muitos poemas em prosa, o estar é ser-se “marinha”, isto é, ser água, imagem do tempo, ou ser voo, imagem do tempo evoluindo-se. O sujeito destes textos está sempre, portanto, do lado do mar, desenhando “a cartografia das emoções”, um pouco como lemos no último Nuno Júdice, esse mesmo dos poemas de *Cartografia de Emoções* (2002). Quer dizer, a poesia de Teresa Amaro, exacta-

mente seguindo as rotas de uma historicidade poética
onde as grandes vozes sempre olharam e conceberam
o poema como esse estar na linguagem como quem
está na vida, viajando nela, voando nela:

*Nesta manhã, não vejo o voo.
Eu estou do lado dos pássaros.
Com asas, e em equilíbrio instável.
Migratória e sem bússola.
Desenho a cartografia das emoções
Em busca do frágil equilíbrio, entre as penas e a quilha.
Ícaro começava a morrer! Ícaro morreu! E, com ele,
o desejo de um olhar alado.*

António Carlos Cortez
Agosto de 2024

ÍNDICE

- 5 Prefácio
 Teresa Amaro
 Quando a poesia é redescoberta
 António Carlos Cortez
- 21 Estar